

EDITORIAL

Dossiê Zizek e Agamben: dois provocadores numa estrada turbulenta.

Turbulências de ontem e de hoje

Marisa Correa Silva¹

Sandro Luiz Bazzanella²

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê desafiou seus autores a lançarem mão do pensamento de Žižek e/ou Agamben enquanto ferramentas provocadoras, no sentido de abrir as portas para análises, propostas ou visões disruptivas e inovadoras sobre, ou a partir de, seus objetos de análise. É com imensa satisfação, portanto, que apresentamos os resultados. Se a estrada do pensamento é necessariamente turbulenta, ela não exclui os prazeres da leitura e da descoberta, fazendo que, a cada nova provocação, o leitor deseje mais.

Temos aqui sete artigos científicos que cumpriram o desafio proposto, abordando desde autores literários canônicos a contemporâneos, passando por questões identitárias e de gênero, por questões discursivas e epistemológicas. São textos cuja fundamentação teórica contempla nossos filósofos de eleição e que trazem um ponto de vista inovador ou um viés analítico inédito em seu bojo.

Editorial recebido em: 17/05/2024

Artigo publicado em: 13/06/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11iEsp.Dossie.5434>

¹Doutora em Letras pela UNESP. Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: mcsilva5@uem.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9692-7374>

²Doutor em Ciências Humanas (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UNC). Editor-chefe da Revista Profanações. Santa Catarina, Brasil. E-mail: sandro@unc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9430-8684>

O primeiro é

“Amor é dar o que não se tem”: a temática do amor como *objet petit a* nas letras de Cazuzza, de Diego Luiz Miiller Fascina, cuja recuperação da poética do artista carioca que representou como poucos a geração do Brock (Rock brasileiro dos anos 1980) recoloca Cazuzza em posição de primazia, desfazendo possíveis leituras redutoras de suas canções como “letras que falam exclusivamente do universo de jovens brancos ricos”. Fascina mostra como Cazuzza trata o amor em três vertentes: a do amor como ficção, a da deriva do desejo do outro e a impossibilidade do amor, e que essa divisão tripartite descreve exatamente o ceticismo lacaniano sobre o sentimento mais cantado da história da humanidade.

O artigo seguinte,

“O testemunho na enunciação e na imagem: reflexões a partir de Giorgio Agamben”, de Julio César Rigoni Filho, retoma o triste tema do Holocausto para focalizar a complexa relação do narrador-testemunha com o outro, retomando Benveniste e passando por Didi-Huberman e por Rancière, entre outros, a fim de compreender as nuances do discurso testemunhal. A invalidação do sobrevivente como testemunha é desfeita no momento em que sua fala passa a dialogar com o outro (a vítima que não sobreviveu) silenciado, criando um discurso cujo foco nunca é único, ainda que superficialmente o possa parecer.

O terceiro artigo é

Conservadorismo e violência simbólica žižekiana em “Porra, Santo Antônio”, de Maya Falks, de Marcia Geralda de Almeida. Trabalhando com uma autora brasileira contemporânea, num texto que tematiza o despertar de uma jovem de doze anos para a consciência de seu lesbianismo e a tensa relação com a mãe, ultra católica e conservadora, Almeida propõe uma reviravolta na leitura tradicional do embate entre mãe e filha, calcada na repressão dos desejos da mãe. Curiosamente, o mediador desse embate aparentemente irresolúvel na diegese é o sacerdote, cuja intervenção é lida como “permissão de desejar”. A autoridade simbólica performa o gesto que, de fato, não altera nada, mas que permite que tudo assuma novos sentidos, de maneira a possibilitar uma convivência melhor entre mãe e filha.

A seguir, temos

O protagonismo feminino e a visibilidade de um povo em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, de Maria Betânia da Rocha de Oliveira.

Esse artigo propõe utilizar conceitos lacanianos reapropriados por Žižek a fim de analisar episódios do romance de Conceição Evaristo e observar que a cada elemento da tríade Real-Simbólico-Imaginário corresponde um tipo distinto de agrura, opressão e/ou apagamento da mulher negra. Ao narrar essas “escrevivências” (palavra da autora Conceição Evaristo), tais sofrimentos tornam-se uma voz que reivindica seu direito à dignidade e ainda seu protagonismo na literatura, espaço no qual ela frequentemente é/foi apresentada apenas como um estereótipo.

O quinto texto a compor este dossiê é

A universidade e a experiência da política da amizade, de Danielle Gonzaga de Brito. Nesse artigo, Brito apresenta um recorte do debate entre epistemologia científica e epistemologia indígena, respaldado pela experiência de João Paulo Barreto, o primeiro representante dos povos originários brasileiros a se doutorar em antropologia pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas). Num texto com tom educadamente provocativo, as diferenças entre a epistemologia tal como ensinada nos cursos universitários e aquilo que Barreto aponta como epistemologia indígena são abordadas e debatidas, concluindo com uma proposta otimista de coexistência colaborativa entre as duas modalidades de episteme.

Na sequência, vem

“O monstruoso real”: uma leitura de *A Metamorfose* através do materialismo laciano, de Gabriela Bruschini Grecca, que aborda a novela de Kafka com a seguinte provocação: e se a transformação de Gregor Samsa fosse lida como a irrupção do Real, cuja impossibilidade de ressimbolização atua, nas palavras da autora do artigo, de forma teratológica, gestando perturbações distintas nas outras personagens? Nesse caso, o foco do texto se desloca de Gregor para outras quatro personagens: seu pai, sua mãe, seu gerente e sua irmã, e o modo particular com que cada um deles reage à metamorfose é que dá os sentidos da novela. Em vez da leitura mais conhecida da metamorfose como metáfora da sujeição de Gregor ao seu

cotidiano insípido, temos uma rede de inter-relações criando um contexto crítico bastante sustentável da novela.

Encerrando o dossiê, temos

“Sabor de Química”, de Roniwalter Jatobá, e “Dente De Ouro”, de Rubens Figueiredo: duas experiências de migração e trabalho relidas pelo prisma do materialismo lacaniano, de Rafael Lucas Santos da Silva. Nesse artigo, Santos da Silva elege duas narrativas com contornos diegéticos similares, abordando condições degradantes de trabalho e a tragédia de trabalhadores que saem de seus locais de nascimento buscando melhorar de vida na cidade grande. A partir de conceitos lacanianos relidos por Žižek, vai ficando claro que a construção de ambas não deve ser lida como relato de infortúnio individual e sim como modelo de violência sistêmica, exercendo sua pressão avassaladora sobre qualquer indivíduo ou grupo submetido às condições sociais descritas.

Desejamos aos leitores excelente leitura, intensas reflexões e, sobretudo a intensificação do debate, do diálogo, urgente num tempo marcado por intransigências, pela espetacularização do efêmero, pela disseminação de *faknews* e, por que não dizer como Alain Finkielkraut pela “derrota do pensamento”. Trata-se, portanto, de um convite à potência do pensamento ao modo de Giorgio Agamben, ou de enfrentarmos o “Real” na perspectiva de Žižek em torno das sensíveis e urgentes questões do tempo em curso.

07 de Maio de 2024

Dr^a Marisa Correa Silva
Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE) da Universidade Estadual de
Maringá (UEM).

Dr. Sandro Luiz Bazzanella
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR –
Universidade do Contestado
Editor-chefe da Revista Profanações